

Agronegócios: perspectivas



Patricia Guarnieri
Magali Costa Guimarães
Karim Marini Thomé
(Organizadores)

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

**Reitora
Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB



UnB | BCE

**Diretora da
Editora UnB**

Germana Henriques Pereira

**Diretor da
Biblioteca
Central**

Fernando César Lima Leite

**Comissão de
Avaliação e
Seleção**

Alex Calheiros
Ana Alethéa de Melo César Osório
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
Ariuska Karla Barbosa Amorim
Camilo Negri
Evangelos Dimitrios Christakou
Fernando César Lima Leite
Maria da Glória Magalhães
Maria Lidia Bueno Fernandes
Moisés Villamil Balestro

Agronegócios: perspectivas



Patricia Guarnieri
Magali Costa Guimarães
Karim Marini Thomé
(Organizadores)

EDITORA



UnB

Coordenadora de produção editorial
Projeto gráfico e capa
Diagramação

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Wladimir de Andrade Oliveira
Fernanda Cordeiro de Carvalho

Portal de Livros Digitais da UnB
Coordenadoria de Gestão da Informação Digital

Telefone: (61) 3107-2687

Site: <http://livros.unb.br>

E-mail: portaldelivros@bce.unb.br



Este trabalho está licenciado com
uma licença Creative Commons [Atribuição-
NãoComercial-CompartilhaIgual4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

A281 Agronegócios : perspectivas [recurso eletrônico] / Patricia
Guarnieri, Magali Costa Guimarães, Karim Marini Thomé
(organizadores). — Brasília : Editora Universidade de Brasília,
2020.
397 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-026-8

1. Agroindústria. 2. Agricultura familiar. 3. Sistemas
agroindustriais. 4. Cadeia agroalimentar. I. Guarnieri, Patrícia
(org.). II. Guimarães, Magali Costa (org.). III. Thomé, Karim Marini
(org.).

CDU 338:63 (81)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **08**

CAPÍTULO I

Representações sociais do conceito de Agronegócios **13**
Priscila Brelaz da Silva, Magali Costa Guimarães, Marlon Vinícius Brisola

CAPÍTULO II

Trajetória institucional comparada: instrumento de análise em estudos sobre sistemas agroindustriais e territórios produtivos rurais **47**
Marlon Vinícius Brisola

CAPÍTULO III

Evolução dos estudos sobre competências gerenciais no contexto do agronegócio **77**
Sthefane Cristina de Lima Duarte, Maria Júlia Pantoja, Marlon Vinícius Brisola

CAPÍTULO IV

Agricultura orgânica e agronegócio: análise e impactos de tecnologias sustentáveis **108**
João Paulo Guimarães Soares, Ana Maria Resende Junqueira, Matheus Boratto Nascimento Campos, Bruno Henrique Crespo Porto

CAPÍTULO V

Mercados como práticas e novas possibilidades de análise para o agronegócio **150**
Karim Marini Thomé, Kahlil Marini Thomé

CAPÍTULO VI **170**
Princípios e emprego da análise de risco na segurança dos alimentos
Vânia Ferreira Roque-Specht

CAPÍTULO VII **193**
Caracterização de consumidores e atributos de mercado da cadeia
produtiva de hortaliças orgânicas no Distrito Federal e entorno
Isaac Leandro de Almeida, Ana Maria Resende Junqueira,
Cleudson Nogueira Dias

CAPÍTULO VIII **232**
Uma parte importante do movimento *slow food*: como as cafeterias de
cafés especiais encontraram seu espaço entre o tradicional e o moderno
José Márcio Carvalho

CAPÍTULO IX **251**
Condomínios de armazéns rurais: uma breve caracterização com
ênfase logístico
Amanda Cristina Gaban Filippi, Patricia Guarnieri

CAPÍTULO X **287**
Redes sociais rurais: análise da gestão coletiva em projetos de
assentamento de reforma agrária
Raquel Aparecida Alves, Maria Júlia Pantoja,
Sergio Ricardo Franco Vieira

CAPÍTULO XI **324**
Análise dos canais de distribuição de plantas alimentícias não
convencionais (Panc) em seis feiras do Distrito Federal
Juliana Martins de Mesquita Matos, Ana Maria Resende Junqueira,
Alda Mieko Rocha Kimura Vidal

CAPÍTULO XII

Sistema privado de inovação tecnológica agropecuária no Brasil

Antônio Maria Gomes de Castro, Suzana Maria Valle Lima,

Luís Fernando Vieira, Eduardo Paulo de Moraes Sarmiento,

Camille Gonçalves Bruno de França

352

SOBRE OS AUTORES

391

Representações sociais do conceito de Agronegócios

Priscila Brelaz da Silva, Magali Costa Guimarães,
Marlon Vinícius Brisola

Introdução

As últimas décadas foram marcadas por significativos avanços no setor do agronegócio¹ brasileiro. Dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2014), relativos ao Produto Interno Bruto e à Balança Comercial, revelam que o setor tem se expandido e solidificado sua importância nos âmbitos econômico e social. É nesse cenário que a representatividade dos agronegócios é sensivelmente percebida por uma ampla gama de pessoas ligadas ou não a este setor produtivo. Não obstante, e, por razões diversas, seu conceito parece não ser similarmente compreendido pelos diferentes grupos sociais que interagem no contexto do agronegócio.

Como aponta Lane (1984), a construção dos conceitos é influenciada pelas Representações Sociais ligadas às transformações que acontecem em meio à diversidade de visões de mundo, crenças, fluxo de informações e valores. A autora acrescenta que, ao mesmo tempo em que um conceito é

¹ Em função do contexto da oração, ora utiliza-se, no presente estudo, o termo “agronegócios”, no plural, ora no singular.

processado no campo individual, ele se estende na forma de representação do pensamento coletivo expressa nos valores e nas práticas sociais.

Somada a essas premissas, a mídia exerce um papel importante nesse processo de construção das representações (e dos conceitos), pois tanto contribui como geradora de um fluxo de informações como se faz integrante “[...] do tecido da sociedade e da cultura [ou seja, é uma] instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais.” (HJARVARD, 2012). Dessa forma, os meios de comunicação estão inseridos em um processo de intercâmbio tanto sendo a expressão de um grupo quanto sendo um influenciador na forma como as pessoas pensam e representam as coisas de seu mundo físico e social.

Diante disso, o objetivo deste capítulo é analisar as Representações Sociais sobre o conceito de “agronegócios” extraídas de um conhecido veículo de comunicação brasileiro (a revista *Veja*), procedendo-se da análise de conteúdos de reportagens pertinentes ao tema. Para a elaboração do presente capítulo, inicialmente, buscou-se caracterizar o agronegócio no Brasil e sua definição sob o ponto de vista acadêmico; posteriormente, foram apresentados o conceito de representação social, a metodologia da investigação bem como os resultados da análise realizada e sua discussão à luz do referencial teórico elaborado.

O presente estudo integra um projeto de pesquisa maior intitulado “Representações Sociais sobre o Agronegócio”. Espera-se, com o presente capítulo, promover a discussão e compreensão do referido conceito, impulsionando o reconhecimento de possíveis apropriações consideradas contributivas para o crescimento do agronegócio enquanto campo de atuação profissional e de investigação acadêmico-científica.

O Agronegócio no Brasil

Como apontam Graziano da Silva e Del Grossi (2000), o agronegócio brasileiro, impulsionado pela integração do espaço rural a importantes setores, tem passado por transformações significativas. Os autores esclarecem que esses avanços são sensivelmente percebidos tanto na modernização do setor quanto na inserção de novas atividades aos já consolidados sistemas de produção tradicionais, os quais, por sua vez, resultam em diversificação dos produtos ofertados, aumento da produtividade e ganhos financeiros ao setor.

Além do notório crescimento, o agronegócio também se destaca por ser um setor estratégico para a economia brasileira. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2015), o agronegócio brasileiro, em 2013, foi responsável por uma margem de 20,24% do Produto Interno Bruto (PIB). Já em 2014, o setor correspondeu a 20,56% do PIB nacional. No atual cenário de crise, tal importância cresce ainda mais, visto que as exportações vinculadas ao setor são consideradas, segundo a mesma instituição, como “[...] grandes responsáveis pelos superávits comerciais do País”. Segundo a Food and Agriculture Organization of the United Nations/FAO (2015), as atividades abarcadas pelo setor são a base que contrabalanceia prejuízos acumulados em outros setores da economia.

É importante destacar que o Brasil, ao longo de todo o ano, possui condições favoráveis de produção, principalmente “dentro da porteira” (NASSAR *et al.*, 2012). Todavia é o fator produtividade que possui uma função central na construção do agronegócio brasileiro atual. A título de exemplo, projeções elaboradas pela assessoria estratégica do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento/Mapa estimam que, entre 2012 e 2022, “[...] a produção de grãos (arroz, feijão, soja, milho e

trigo) deve aumentar em 21,1% [...]”, ao passo que a expansão da área de produção terá um acréscimo na escala de 9% (BRASIL, 2011, p. 6).

Como evidenciado em estudo da Food and Agriculture Organization of the United Nations/FAO (2015), a melhoria na produtividade é o principal responsável pelo posicionamento do país no *ranking* de produção mundial. Segundo a mesma fonte (2015, p. 4), “a produção agrícola mais do que dobrou em volume, comparada ao nível registrado em 1990. A produção pecuária praticamente triplicou [...]”. Corroborando com as referidas projeções, Prates (2014) afirma que “[...] 90% do crescimento da produção nos últimos anos se deve à produtividade”.

É oportuno destacar que tanto a agricultura de larga escala – ou de *commodities* – como a agricultura denominada familiar contribuem para a formação dos números citados. Enquanto a primeira destacou-se pela incorporação de tecnologias avançadas e por seu potencial de aumento de produtividade, a segunda foi além, apresentando seu potencial no que se refere à agregação de valor, ao suprimento de matéria-prima para alguns setores da indústria nacional, ao abastecimento interno e à segurança alimentar do país.

Como é descrito na Lei nº 11.326, de 2006, é notório que o governo estabelece as diretrizes que diferenciam, na legislação, os produtores familiares dos demais (BRASIL, 2006). Contudo o agronegócio abrange uma pluralidade de atividades que se estende desde a indústria de insumos agrícolas, passando por produção, industrialização até a comercialização de produtos finais, tais quais flores, cosméticos, itens farmacológicos, alimentos, artesanatos e muitos outros produtos e serviços que formam sua magnitude no Brasil.

Segundo o Censo Agropecuário de 2006 (IBGE, 2006), a produção familiar representava 84,4% dos estabelecimentos rurais brasileiros e, àquela época, já contava com 12,3 milhões de trabalhadores como

mão de obra. Dentre outros avanços, pode-se citar a diversificação da produção, bem como o abastecimento do mercado interno – majoritariamente locado nas áreas urbanas – e do mercado externo, com produtos exclusivamente brasileiros, a exemplo da cachaça artesanal e dos produtos de origem extrativista, como a castanha do Pará. Dessa forma, infere-se que, semelhantemente à produção em larga escala, a agricultura familiar também possui papel construtor para a formação dos ganhos do agronegócio brasileiro.

Não é possível, contudo, fazer “vista grossa” à dicotomia – presente inclusive na literatura científica brasileira – entre agronegócios e agricultura familiar, sendo esta, objeto de discussão efervescente (cf. CAUME, 2009; NAVARRO, 2010). Tal dicotomia foi também impulsionadora do presente estudo. Conforme destacado por Caume (2009), os argumentos que polarizam essas duas categorias não se constituem em simples expressão de uma realidade configurada no campo brasileiro em função de sua heterogeneidade, mas tem o poder de construção do mundo social. Sendo assim, o autor acrescenta que:

É preciso considerar que, a partir desse discurso, muitos agentes (membros de movimentos sociais, empresários agrícolas, técnicos de desenvolvimento rural, formuladores de políticas públicas etc.) passam, efetivamente, a perceber o rural e a se autoidentificar a partir desse antagonismo estruturante das divisões e classificações presentes nesse universo social. (CAUME, 2009, p. 27).

Em contraponto aos avanços descritos, o Brasil ainda convive com gargalos que acabam por limitar os padrões de eficiência do agronegócio brasileiro, a exemplo do “custo Brasil” (KROEHN,

2011; NOVAES *et al.*, 2010). Os principais fatores limitantes estão relacionados à mão de obra, à infraestrutura e burocracias, especialmente àquelas relacionadas com a fiscalização e a liberação de licenças (FURLAN, 2015). Há que se considerar, portanto, que existe uma discrepância no grau de evolução dos vários segmentos das cadeias produtivas e bem como das unidades produtivas rurais no Brasil. De um lado, recordes de produção e avanços substanciais na área tecnológica de produção, contrapondo-se ao subdesenvolvimento que reduz a competitividade brasileira frente aos competidores globais.

O conceito de Agronegócio

Assim como os sistemas de produção passaram por intensas transformações, o conceito de negócios rurais também enfrentou mudanças, principalmente ao ultrapassar a ótica meramente produtivista atribuída às propriedades rurais (MENDES; PADILHA JÚNIOR, 2007). A partir de uma nova compreensão, dentro de uma visão holística e sistematizada, no ano de 1957, John Davis e Ray Goldberg definiram o conceito que representa uma realidade mais moderna e integrada das atividades atribuídas à agropecuária, agroindústrias, mercado, agentes institucionais e organizacionais (ARAÚJO, 2007; MEDEIROS; BRISOLA, 2009; MENDES; PADILHA JÚNIOR, 2007).

O *agribusiness* proposto por Davis e Goldberg (1957, p. 2, tradução nossa)² é definido como:

² “[...] the sum of all operations involved in the manufacture and distribution of farm supplies; production operations on the farms; and the storage, processing, and distribution of farm commodities and items made from them.” (DAVIS; GOLDBERG, 1957, p. 2).

o conjunto de todas as operações e transações envolvidas desde a fabricação de insumos agropecuários, das operações de produção nas unidades agropecuárias, até o processamento e distribuição e consumo dos produtos agropecuários *in natura* ou industrializados.

É oportuno destacar que, diante da constante especialização das atividades de produção bem como dos avanços tecnológicos, é evidente a permanência de uma interdependência entre os subsistemas do *agribusiness*, tais quais os suprimentos de insumos no fornecimento de máquinas, implementos, pacotes tecnológicos, cultivares e agroquímicos. Na mesma conjuntura, na etapa de processamento e distribuição, o elo é ainda mais intenso, haja vista a necessidade de conformidade com específicos padrões de qualidade, além das novas demandas por parte do consumidor. Cabem aqui também as operações de mercado, no que tange à negociação em bolsas de valores, *marketing* de marcas e produtos, e a comercialização em atacado e varejo.

Como aponta Zylbersztajn (2000), a visão postulada em 1957 representou um marco para a definição de *agribusiness*, tendo em vista que definitivamente interligou as atividades agrícolas e industriais. Para tanto, tal estudo entrelaçou importantes concepções, tais quais: globalização, enfoque sistêmico e a noção de cadeias (*filière*), sendo esta última definida no contexto da Escola Francesa nos estudos de cadeia de suprimentos agroalimentar (MIELE; WAQUIL; SCHULTZ, 2011).

Acompanhando a mesma perspectiva, Zylbersztajn (2000, p. 5) aponta que Goldberg, em 1968, aprofundou ainda mais o estudo, enfatizando “[...] a sequência de transformações por que passam os produtos”. Mais especialmente, o autor ressalta as figuras dos atores e instituições envolvidos nos processos. Depreende-se, portanto, que houve um desenvolvimento do

conceito de *agribusiness*. O que era percebido como um fluxo de operações interdependentes entre os setores passou a incorporar outras figuras, a exemplo de agentes e instituições que, em algum nível, influenciam o sistema que se estende desde a indústria de insumos até os consumidores finais (MIELE; WAQUIL; SCHULTZ, 2011).

Zylbersztajn (2000) atribui ao agronegócio uma perspectiva mais dinâmica, quando recorre à expressão “nexo de contratos” para caracterizá-lo. Para ele, os agentes compradores e vendedores perdem a posição de destaque e passam a representar um meio para a existência dos negócios – essência da terminologia.

Inseridos dentro de um contexto cada vez mais interdependente, global e interdisciplinar, agentes, mercados e instituições têm traçado os caminhos do atual agronegócio. Todavia o conceito postulado em 1957 continua sendo uma base sólida e compatível com a estruturação do *agribusiness* que compõe o mercado.

Outras variantes conceituais se formam conforme o enfoque disciplinar em que é tratado o termo agronegócio. Brisola e Botelho Filho (2010, p. 92), ao trabalharem as cadeias do vinho em diferentes contextos mercadológicos, sugerem que

[...] nas Cadeias de Produção Agroindustriais, a estratégia organizacional segue uma lógica institucional e abre caminho para uma percepção analítica no campo da Sociologia Econômica.

O agronegócio pode ser visto ainda como uma dimensão empírica de estudo das ciências humanas e sociais capaz de:³

³ No Capítulo 2 do presente livro, Brisola explora mais essa perspectiva do agronegócio.

[...] reabrir oportunidades para indagações e respostas que vão além de sua base etimológica relacionada aos negócios dentro de um contexto agrário. Na verdade, o Agronegócio refere-se a um objeto passível de ser analisado em uma dimensão multidisciplinar, em que a perspectiva relacional tem o homem e seus negócios como contexto, e a produção agropecuária como referência. (BRISOLA, 2018, p. 15).

É importante destacar que outros aparatos teóricos, metodologias e conceitos contribuíram na estruturação do conceito de *agribusiness*. Entre estes, podem-se citar a Teoria Geral dos Sistemas, a Economia dos Custos de Transação, o conceito de *filière* – já mencionado – a Gestão de Cadeia de Suprimentos, a Nova Economia Institucional, dentre outros (MEDEIROS; BRISOLA, 2009; MIELE; WAQUIL; SCHULTZ, 2011; ZYLBERSZTAJN, 2000). Infere-se, portanto, que os ambientes organizacional e institucional, evidenciados na obra de Zylbersztajn (1995), passaram a ser levados em consideração no entendimento das relações entre os componentes do setor, principalmente por ser um balizador das “regras do jogo” que compõem o agronegócio.

Como apontam Mendes e Padilha Júnior (2007, p. 17), no contexto da realidade brasileira, o processo de industrialização da agricultura acabou gerando outras terminologias, tais como: “[...] complexo agroindustrial, cadeias agroeconômicas e sistema agroindustrial”. A respeito dessas derivações, Batalha e Silva (2010) diferencia Complexo Agroindustrial de Cadeia de Produção Agroindustrial (ou Cadeia Produtiva) como sendo a interpretação de um Sistema (Agroindustrial) – uma interligação comercial de agentes e subsistemas – que tem sua origem analítica a partir de uma matéria-prima oriunda do ambiente rural ou a partir de um produto acabado apto a ser entregue ao consumidor final,

respectivamente. Outras denominações como Cadeias Agroeconômicas ou Agroalimentares têm caráter mais específico.

Pode-se, portanto, entender que a interpretação conceitual de agronegócio revela-se como algo novo que requer melhor compreensão, demandando o entendimento de sua representação social tanto diante do ambiente acadêmico como no senso comum.

Teoria da Representação Social

Representação Social [RS] constitui-se em uma teoria voltada para análise da interação e da construção do pensamento social (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKLI, 2009). Sendo assim, observa-se que as possibilidades de estudo são diversas, uma vez que o comportar e o pensar humano são complexos e heterogêneos. Nesse sentido, uma das facetas do campo de estudo é a teoria denominada Representação Social. O conceito nasceu nos estudos de Émile Durkheim, sendo resgatado e ressignificado pelos trabalhos do psicólogo francês Serge Moscovici.

Nas últimas décadas, a Representação Social, fundamentada na proposta de Serge Moscovici, apresenta-se

[...] como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhe concernem. (SÊGA, 2000, p. 128).

De acordo com Moscovici (2012), a RS é aplicada como uma base para a análise crítica de fenômenos psicossociais envolvidos em um panorama social, histórico, econômico, cultural, além das crenças, valores e emoções que confirmam a fundamentação dinâmica proposta pelo autor.

Nesse contexto, observa-se uma heterogenia, na qual se encontram os indivíduos, a sociedade e os panoramas que, em conjunto, formam a múltipla realidade do contexto social. A RS é complexa, tendo em vista que a interação entre cada um dos elementos acontece simultaneamente (SÁ, 2012), sendo os indivíduos influenciados, constituintes e constituídos pelos aspectos sociais (PATRIOTA, 2007). Por suas características, as RS moldam a relação com a sociedade (MOSCOVICI, 1988).

Para além dos conceitos e fundamentações teóricas, Sá (2012, p. 32), esclarece que a “[...] representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto”. Isso posto, tem-se que a teoria versa também sobre a construção tácita daquilo que os atores, sejam de ordem individual ou coletiva, propagam. Reafirmando esse ideal, Franco (2012) enfatiza a importância da comunicação como um elo de estruturação da RS no campo cognitivo. Nesse sentido, Malrieu afirma que “[...] a RS se constrói no processo de comunicação [...]” (1978 *apud* LANE, 1984, p. 35), ampliando a discussão para o nível da linguagem e sendo esta o veículo que expressa tanto o significado linguístico como o social (FRANCO, 2012).

Ainda de acordo com Franco (2012) e Malrieu (1978 *apud* LANE, 1984, p. 35-36), a linguagem, expressa na forma de mensagem, permite a interlocução entre os indivíduos e a realidade social. Ela é o meio em que se faz saber tanto o significado como se estabelece a apropriação de um significante, os quais, por sua vez, são propagados no contexto da coletividade social. Na perspectiva de Franco (2012), delinea-se, portanto, que o significado apresenta um valor evocativo aceito coletivamente como o correspondente a um determinado objeto, realidade, sentimento etc. Já em outra esfera, o significante possui uma profundidade ainda maior, tendo em vista que porta a ressignificação que o sujeito criou.

Os elementos inerentes à comunicação – palavra, mensagem, discurso – permitem ao sujeito tanto a sua formação em si como a construção do meio em que vive. Dessa forma, são estabelecidos intercâmbios sociais, sendo a comunicação um canal entre a realidade social e a cosmovisão do sujeito. Em tal conjuntura, o discurso, especialmente, sobrepuja, tendo em vista que contribui como um elemento não só conectivo, mas de pertencimento a uma determinada compreensão de mundo (MONTORO, 2002). E é nesse sentido que Silva (2004) se refere às mensagens e “realidades” apresentadas nas matérias jornalísticas como um “mundo de valores”. Segundo o autor, os fatos jornalísticos são construídos por “[...] vozes pertencentes a diversos segmentos culturais e visões condicionadas por esquemas conceituais.” (SILVA, 2004, p. 7).

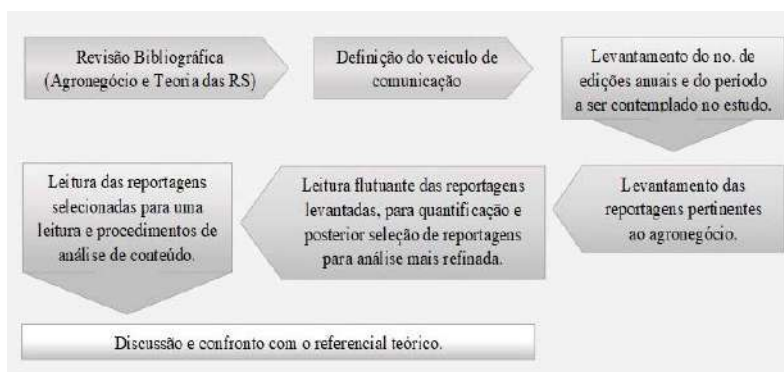
Os somatórios dessas composições se encontram marcadamente nas RS delineadas na forma de diferentes temas (SAMMUT; HOWARTH, 2014). Aplicada à pesquisa aqui apresentada, a RS sobre o agronegócio poderia ser expressa em um determinado contexto e por determinado grupo social de forma negativa; ao passo que, em outro, poderia ser considerada como um esteio para o país. Em ambos os casos, e sem ignorar a multiplicidade de visões existentes, constata-se que a expressão do pensamento (verbal ou não) é envolta por uma valoração própria ao contexto em que os discursos são formados e emitidos.

Em suma, a Teoria da Representação Social permite estruturar uma análise que compreende para além do conhecimento formal construído e propagado pela sociedade. Ao considerar as múltiplas formas de linguagem, de reconhecer no senso comum uma forma de expressão da visão subjetiva e coletiva, e de estruturar sua análise na comunicação, é possível contrastar diferentes grupos, realidades sociais e o poder de seus respectivos discursos.

Método

No que se refere aos procedimentos metodológicos, procedeu-se à coleta de dados em fontes secundárias. Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico com a finalidade de traçar a evolução dos conceitos de “agronegócios” e de RS, bem como os estudos e definições abarcados nessa construção. A figura 1 explicita as etapas na condução desta pesquisa de natureza bibliográfica.

Figura 1: Etapas na condução do estudo



No que diz respeito aos procedimentos para análise das reportagens, procedeu-se à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) de textos relativos ao tema no respectivo periódico, respeitando as seguintes etapas: a) identificação e leitura inicial das matérias relacionadas ao agronegócio; b) separação do conteúdo identificado; c) nova leitura a fim de selecionar e categorizar matérias a serem submetidas à análise de conteúdo; e d) discussão e confronto com o referencial teórico.

Resultados

Considerando a influência das mídias na construção de conceitos e a fim de compreender as Representações Sociais sobre “agronegócios” na mídia impressa definida para este estudo, foi selecionada uma revista de grande circulação nacional. O levantamento considerou as 51 edições publicadas em 2014 e semelhante número de publicações em 2015, dentre as quais foram selecionadas oito reportagens nas edições de 2014 e dez reportagens em 2015.

As reportagens utilizadas na pesquisa representam o quantitativo total de conteúdo jornalístico referente ao agronegócio na revista, dentro do período supracitado. Convém pontuar que a Revista *Veja* não dispõe de uma coluna ou editorial específico sobre a temática analisada, sendo as matérias distribuídas em seções com as quais faz interface, a exemplo de economia, meio ambiente, política, tecnologia e desenvolvimento.

Dentro do conjunto de 18 reportagens que formam o escopo da amostra, apenas três explicitaram o termo “agronegócios”, sendo que em todas elas esse termo foi utilizado associado a *commodities*, à grande produção e à produção empresarial de larga escala no âmbito das cadeias produtivas do agronegócio. As demais reportagens, no entanto, apresentaram um conjunto de sinônimos que, na literatura acadêmica, representam noções abarcadas pelos principais referenciais teóricos, tais quais: “cadeia”, “*commodities*” e “*setor produtivo*”. Além disso, foram encontradas, repetidamente, expressões de uso mais corriqueiro mas também fortemente associadas aos negócios da esfera rural, a saber: “*dentro da porteira*”, “*sistema de produção*”, “*campo brasileiro*”. A tabela 1, seguinte, exemplifica algumas dessas expressões.

Tabela 1: Termos e expressões presentes nas reportagens da revista
Veja associados direta ou indiretamente ao Agronegócio

Nº	Data / Editora/ Ano / Página	Título da reportagem	Termos e expressões
1	16/12/2015 Ed. 2456 Ano 48 p. 106-110	A carne é forte	“Cadeia”, “Setor”, “Mercado de bovinos”.
2	28/10/2015 Ed. 2449 Ano 48 p. 76-77	O valor do saber medido em quilos	“ <i>commodities</i> [frutas, grãos, madeiras]”, “produção agrícola nacional”, “o campo brasileiro”, “a safra”.
3	21/10/2015 Ed. 24548 Ano 48 p. 80-95	Como a Amazônia foi salva	“monovegetação oportunista e hostil”, “pecuária ... cultivo de soja [arco do desmatamento]”.
4	01/04/2015 Ed. 2419 Ano 48 p. 62-63	A Salvação da lavoura	“Agronegócio”, “exportador de soja, açúcar, carne bovina e de frango”, “campo brasileiro”.
5	10/09/2014 Ed. 2390 Ano 47 p. 98-102	Os campeões de produtividade	“Agricultura voltada para a exportação”, “a agricultura, sobretudo dentro da porteira da fazenda”, “sistema de produção”, “commodity”, “agricultura brasileira”.
6	25/06/2014 Ed. 2379 Ano 47 p. 42-43	Plantas de proveta – O Brasil que dá certo	“Campo brasileiro”, “sucesso no campo” “gigante do setor [beneficiamento de madeira]”.
7	30/07/2014 Ed. 2384 Ano 47 p. 52-55	Cidade sitiada	“Agricultura, na pecuária e no setor de beneficiamento de madeira”.

A leitura e análise inicial das reportagens permitiram detectar o posicionamento *favorável* ou *desfavorável* destas em relação ao agronegócio. É notório que os textos analisados são ricos em adjetivação e construção de expressões e termos que conotam um possível juízo de valor, sendo o mesmo corroborado por dados diversos, dentre os quais podem-se citar as informações de produção anual, participação no PIB, balança comercial, geração de empregos diretos e indiretos, bem como de geração de divisas e desenvolvimento tecnológico. Ainda no que

tange aos posicionamentos encontrados, apenas uma das reportagens foi classificada como *neutra*, tendo em vista que apenas abordou o papel desempenhado pelo agronegócio na engrenagem econômica brasileira sem apresentar os posicionamentos já destacados. A tabela 2 apresenta o quantitativo de reportagens agrupado de acordo com tal posicionamento.

Tabela 2: Caracterização das reportagens em 2014 e 2015

Posicionamento	2014	2015
Favorável	6	8
Desfavorável	1	2
Neutro	1	0

No conjunto de matérias averiguadas, também foram encontradas três delas nas quais houve conotação desfavorável, sendo importante ressaltar que em momento algum foi utilizado negativamente o termo “agronegócios”, propriamente dito. O setor, no entanto, foi desaprovado por meio de expressões como “monovegetação oportunista e hostil” e termos que tendem a não gerar aceitação popular, como soja e pecuária, estando eles, via de regra, associados ao desmatamento e ao descumprimento de regulamentos ambientais protecionistas.

Com o intuito de compreender mais profundamente o papel dos textos jornalísticos na construção da Representação Social, aplicou-se a técnica de análise de conteúdo em três reportagens baseadas na categorização referenciada (favorável/desfavorável). A primeira reportagem intitulada “A Salvação da Lavoura”, de Ana Luiza Daltro (DALTRO, 2015), inscreve-se no conjunto daquelas que qualificam *positivamente* o agronegócio e, a partir de uma leitura “flutuante” (BARDIN, 2009), duas hipóteses foram levantadas:

- 1) O agronegócio é relacionado, exclusivamente, à grande produção agropecuária ou produção em escala, ignorando a agricultura do tipo

familiar – a pequena produção – e mesmo os demais elos da cadeia produtiva. Essa grande produção ocorre em um contexto específico – no campo – e tem os produtores rurais como protagonistas.

- 2) Esse agronegócio, em grande escala, é representado como o grande salvador da economia do país. Literalmente um “salvador da pátria” que “luta” contra forças opostas como o Movimento dos Sem-Terra (MST), a Fundação Nacional do Índio (Funai) e as crises econômicas vividas internamente. Pode-se dizer que é representado como um setor “super-herói” e, como tal, é responsável por manter positivo o saldo da balança comercial brasileira.

Destaca-se, nas linhas seguintes, os elementos do texto (reportagem) que sustentam tais hipóteses. Para a *hipótese 1*, é importante chamar inicialmente a atenção para o espaço ocupado por uma imagem de uma grande plantação de soja com máquinas agrícolas modernas procedendo à colheita. A imagem ocupa 2/3 da primeira página da matéria e quase a metade da segunda (e última) página. Esse elemento contextual da reportagem reforça, assim, uma associação quase automática entre “agronegócios” e a grande produção agropecuária. Essa associação é ainda reforçada no transcorrer da matéria na qual as informações apresentadas referem-se a esse tipo de produção. Os números expressivos de crescimento se referem à produção em grande escala bem como os destaques (produtos) da produção brasileira também a ela se referem. A tabela 3 apresenta os conteúdos extraídos do texto que retratam esses aspectos.

Tabela 3: Elementos presentes na reportagem que reforçam a associação entre agronegócios e a grande produção agropecuária

Produtos destacados	Exemplos de frases/orações extraídas da matéria
Soja	“[...] a área plantada de soja espalhou-se 248% [...]”
Soja, açúcar, carne bovina e frango	“O Brasil, atualmente, é o maior exportador de soja, açúcar, carne bovina e de frango do planeta.”
Soja	“O Brasil é o maior exportador de soja do mundo: foram 31 bilhões vendidos para o exterior em 2014.”
Soja	“[...] um dos responsáveis por esse resultado [crescimento seis vezes maior que o setor de serviços] foi a soja [...]”
Grãos e carne	“O ano de 2014 entrou para a história como aquele que o Brasil passou a fazer parte dos dez maiores produtores e exportadores de grãos e carne.”

Como o agronegócio é representado como produção agropecuária, o *contexto* e os *protagonistas* se ligam a ela. As palavras “campo” e “produtores” são utilizadas para representá-los, sendo a primeira reforçada pela imagem que figura junto à matéria.

Os adjetivos e expressões presentes na matéria, que caracterizam/qualificam o agronegócio, são significativos da forma positiva (*favorável*) como o setor é percebido (figura 3) e apontam alguns elementos que permitem compreender a *hipótese 2* anteriormente destacada.

Figura 2: Adjetivos/expressões que caracterizam e qualificam o agronegócio



As palavras “salvação” e “força” ganham destaque na reportagem, sendo a primeira apresentada substancialmente em tamanho maior, já que confere título à matéria. Os “feitos” desse “herói” econômico são ressaltados ao longo da matéria, e estes abarcam principalmente sua contribuição para a economia (como “*salvador*” da economia), seu *crescimento* ou possibilidade de crescimento, enquanto setor produtivo, e sua capacidade de resistência às crises e/ou pressões sociais (ao enfrentamento ao MST, por exemplo). A tabela 4 apresenta como esta representação se apresenta no texto, bem como a frequência com que aparece. Foram destacadas aqui as expressões, na sua maioria, iniciadas por *verbos* que representam em si este elemento de “*ação*” (realizada ou a realizar-se) ou “*feitos*”.

Tabela 4: Categorização relativa aos “feitos” do setor

Categoria	Exemplos	Freq.
Salvador	“A salvação da lavoura.” “[...] livrou o Brasil da Recessão em 2014.” “[...] será a boia de salvação do PIB em 2015 [...]”	3,0
Crescimento	“[...] deve expandir-se [...]” “[...] a área da soja espalhou-se [...]” “[...] a produção subiu [...]” “[...] foi o único setor a registrar ganho real de produtividade.” “[...] cresceu 1,8% no quarto trimestre de 2014 [...]” “[...] deverá crescer neste ano 1,2% [...]”	6,0
Resistência	“[...] tem conseguido se manter imune à crise.” “[...] sofre menos com a queda na atividade interna.” “[...] demonstra a resistência dos produtores [...]” “[...] o campo não vai entregar a rapadura.”	4,0
	Total	13,0

Corroborando com a representação do agronegócio enquanto um “setor super-herói”, encontram-se presentes na reportagem os “inimigos” que estão sendo, por ele, “combatidos” e “vencidos”. Nesse caso, os inimigos são representados não somente pelas crises econômicas, mas também pelo MST e pela Funai. A expressão apesar de (ou sentido semelhante) e a palavra resistência ganham destaque:

- “Apesar das invasões patrocinadas pelo MST e pela Funai, o agronegócio [...]”
- “A divulgação do PIB na sexta-feira passada demonstra a resistência dos produtores, sempre ameaçada por invasões patrocinadas pelo MST ou pela Funai, que chega a incentivar a ‘importação’ de índios do Paraguai para atazanar os produtores do Centro-Oeste.”
- “Mesmo assim, o saldo da balança comercial para a atividade econômica no campo brasileiro deve ficar positivo...”
- “Mesmo com a crise, o campo continua a crescer.”
- “Apesar de todas as dificuldades, em 2015 o campo não vai entregar a rapadura.”

No que diz respeito às reportagens categorizadas negativamente, duas reportagens foram submetidas à análise de conteúdo, a saber: “Como a Amazônia foi salva” de Thomas Lavejoy (LAVEJOY, 2015) e “Eles vão morrer logo mais” de Jennifer Ann Thomas (THOMAS, 2015). A primeira reportagem (R1) trata das mudanças na região amazônica sob o enfoque da ecologia. A segunda (R2), por sua vez, aborda a questão de crimes ambientais envolvendo especificamente a cadeia da piscicultura. É importante destacar que o texto não trata exclusivamente da temática “agronegócio”. Todavia, quando abordado, é possível perceber a valoração negativa. Seguindo a mesma técnica utilizada à reportagem anterior, foram igualmente levantadas duas hipóteses:

- 1) O agronegócio, associado aos diferentes setores que o compõem, quando em desaprovação, é vinculado – quase que exclusivamente – às noções de desmatamento, degradação da biodiversidade e descumprimento da legislação.
- 2) A utilização de termos como “produção de gado” e “cultivo de soja” foi mais enfatizada em função da associação quase automática à

degradação ambiental. Estes, por sua vez, encontram-se vinculados principalmente ao grande capital (grande produção agrícola).

No que tange às duas reportagens, é marcante a associação dos setores produtivos do agronegócio com ações negativamente percebidas pela sociedade. Desmatamento, matança de espécies protegidas, utilização de grandes áreas para monocultura são alguns dos destaques nas reportagens. Para tanto, os autores enfatizam dados quantitativos a fim de corroborar com seus relatos. A tabela 5, seguinte, destaca algumas das expressões retiradas do texto que expressam tal vinculação.

Tabela 5: Elementos presentes na matéria que reforçam a associação entre agronegócio, desmatamento e degradação ambiental

Setores ou agentes do agronegócio	Noção vinculada	Exemplos de frases/orações extraídas da matéria
Agricultura (R1)	Diminuição da biodiversidade	“[...] monovegetação oportunista e hostil [...]”
Pecuária (R1)	Desmatamento	“Mil quilômetros quadrados de floresta foram adquiridos pela Volkswagen a fim de ser queimados e transformados em pastos para a criação de gado.”
Pecuária e soja (R1)	Ação exploratória	“as pressões sobre a Amazônia cresceram de modo descomunal, sobretudo as desencadeadas pela pecuária e pelo cultivo da soja.”
Cadeia da pesca (R2)	Diminuição da fauna Matança	“o crime cometido por toda a cadeia de pesca, distribuição e venda”
Frigoríficos (R2)	Infrações da legislação	“[...] frigoríficos que vendem toneladas de piracatingas sabendo que foram pescadas com iscas do golfinho ou, o que também configura crime ambiental, com carne de jacaré”

Em tempo, vale reforçar que, assim como no caso da análise anterior, os autores utilizaram recursos visuais (fotografias e tabelas), especialmente na descrição de fatos relacionados ao desmatamento e à matança irregular de espécies ameaçadas. No caso da primeira reportagem, as extensas

descrições de uma Amazônia de três décadas atrás, em contraponto a dados e expressões com conotação negativa, contribuem para a formação de um juízo de valor desfavorável. Já para a segunda reportagem, uma foto, que ocupa 3/4 da página inicial da reportagem, dos botos-cor-de-rosa em *habitat* natural, contrapõe-se a outras imagens, igualmente grandes, de captura e armazenamento de espécies protegidas. A junção dos recursos textuais e visuais reforçam, portanto, a *hipótese 1*.

Como sugerido na *hipótese 2*, alguns setores como pecuária e sojicultura possuem uma associação quase automática à degradação ambiental, possivelmente em função das expansões e investidas da agricultura e pecuária ao longo de décadas. Por esse motivo, palavras como *desmatamento, queimadas, exploração*, dentre outras, são conjugadas com outras expressões, a saber: *impactos, destruição, captura e ilegal*. Tais ações representam, de alguma forma, a atuação do setor e de seus agentes. Cria-se, com isso, a ideia de que os agentes usam de meios destrutivos e demasiadamente exploratórios para alcançar seus resultados. As tabelas 6 e 7 retratam ações irregulares negativamente percebidas pela sociedade.

Tabela 6: Categorização relativa dos impactos de setores e agentes do agronegócio (R1)

Categoria	Componentes	Exemplos	Freq.
Prejuízos ao meio ambiente	Diminuição da biodiversidade	“[...] impactos cada vez maiores sobre a floresta.” “[...] as pressões sobre a Amazônia cresceram de modo descomunal, sobretudo as desencadeadas pela pecuária e pelo cultivo da soja.”	3,0
	Desmatamento	“[...] amplo desmatamento...desenfreado [...]” “[...] modalidades destrutivas de desmatamento [...]”	6,0
	Queimadas	“[...] mas ficou claro que as queimadas produziram um impacto [...]” “[...] a fim de ser queimados e transformados em pastos para a criação de gado.”	3,0
Ação antrópica	Exploração	“[...] visão predadora [...] cobiça humana [...]”	2,0
Total			14,0

Tabela 7: Categorização relativa das operações e agentes da piscicultura na Amazônia (R2)

Categoria	Componentes	Exemplos	Freq.
Prejuízos ao meio ambiente	Captação/matança de espécies protegidas	“A matança ocorre à noite [...] à procura de uma presa [...]” “[pesquisadores] [...] notaram que os botos estavam sumindo em ritmo alarmante [...]” “A matança noturna [...]” “Consigo pegar mais de um boto por dia” “[...] um grupo de outros oito pescadores captura 3000 exemplares por ano.” “[...] [Instituto Mamirauá] contabiliza o abate de 2300 jacarés.”	11,0
Setor	Frigoríficos	“[...] os que mais lucram com o comércio ilegal [...]” “[...] vendem toneladas de piracatingas sabendo que foram pescadas com iscas do golfinho ou, o que também configura crime ambiental, com carne de jacaré [...]” “Os 64 frigoríficos da região [...]” “[...] cadeia de pesca, distribuição e venda.”	5,0
	Empresários/ Pescadores	“[...] confessos caçadores [...]” “os caçadores não distinguem machos, fêmeas ou filhotes [...]” “[...] quadrilha organizada [...]” “[...] ‘patrões da pesca’ [...] donos de frigoríficos.” “caçador irregular [...] criminosos [...]”	12,0
Legislação	Infração	“[...] se a lei fosse seguida [...]” “[...] ignora a lei que protege a espécie [...]” “réus confessos da captura do boto no Rio Solimões.”	3,0
Total			31,0

Depreende-se do texto, com auxílio da categorização, que a visão tanto da operação como dos agentes do agronegócio é desaprovada. Isso ocorre em função dos atos diretamente vinculados aos crimes ambientais e à devastação do meio ambiente. Vale enfatizar que o contexto de ambas as reportagens trata da necessidade de preservação, o que reforça ainda mais a dissonância dos setores do agronegócio com os padrões estabelecidos pelas leis e sociedade.

Por último, e não menos importante, está a centralidade das “vítimas” e impactos do agronegócio. Para tanto, os autores tratam de focar nos ataques e desgaste dos recursos naturais que, por vezes, são

irreparáveis. O meio ambiente e os seres humanos são as principais “vítimas”. Todavia, no que tange às reportagens, a “vítima” principal – meio ambiente – é representada pela extinção de espécies, desequilíbrio no ciclo hidrológico, diminuição da biodiversidade e descaracterização da floresta. Por fim, fundamentada na análise anterior, infere-se que a qualificação negativa se expressa na forma de uma imagem vilanizada e culpabilizada frente às ações do setor.

Discussão

Diante das reflexões aqui propostas, é patente que se vinculam ao agronegócio brasileiro – um mesmo objeto – concepções, visões e valores distintos e marcadamente polarizados: *favorável x desfavorável, positivo x negativo, herói x vilão*. Entretanto não há como negar que tanto na perspectiva favorável como na desfavorável o agronegócio apresenta uma representatividade significativa para o corpo social. Confirma-se a referida condição na medida em que estudos revelam que a sociedade brasileira tem parte de sua estrutura histórica, econômica e social estreitamente conectada à produção dentro e fora da porteira (CEPEA, 2014; FAO, 2015). Na mesma perspectiva, a importância do agronegócio nos estudos acadêmicos revela a significância das discussões que envolvem o setor e as múltiplas interlocuções que este constitui (DAVIS; GOLDBERG, 1957; ZYLBERSZTAJN, 2000; BATALHA; SILVA, 2007).

O estudo aqui apresentado permite confirmar que, somadas a essa estrutura complexa, as mídias, para além da função informativa, contribuem massivamente no processo de interlocução entre indivíduos e a realidade social (FRANCO, 2012; MALRIEU, 1978 *apud* LANE, 1984). Tal quadro reitera, portanto, a visão postulada pela Teoria da

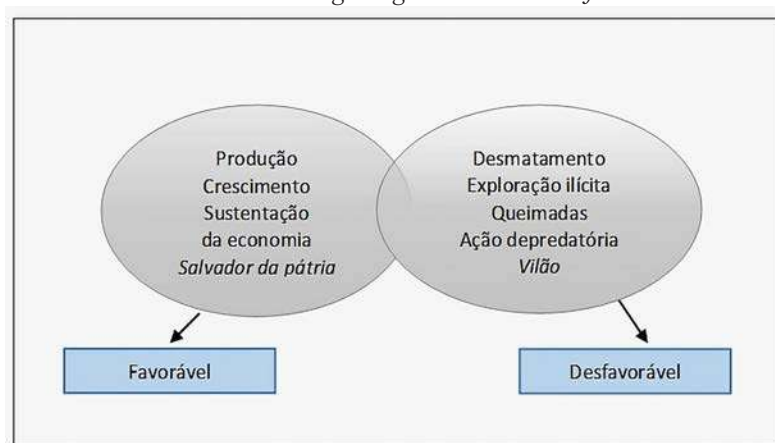
Representação Social na expressão – individual e coletiva – de valores, crenças e perspectivas a respeito de um objeto na forma de uma representação (MOSCOVICI, 2012; SÊGA, 2000).

Percebe-se na construção do estudo que o intercâmbio realidade social e indivíduo viabiliza a expressão da Representação Social já formada no indivíduo, a saber, aquele que redige o texto, assim como na exteriorização do pensamento coletivo no qual esses mesmos indivíduos estão imersos. Por pensamento coletivo, compreende-se a visão de um grupo, não representando, obrigatoriamente, a opinião de uma sociedade inteira.

Isso posto a um mesmo construto, a um mesmo significante – agronegócios – atribuem-se diferentes visões, crenças, valores e perspectivas que resultam na construção de diferentes representações e sentidos. No presente estudo, tais representações se expressam por meio de atitudes e posicionamentos valorativos, ora desfavorável ora favorável. Representam, assim, “vozes” de diferentes segmentos sociais, conforme destacado por Silva (2004).

No que tange à relação entre agronegócios e mídia (revista *Veja*), os resultados revelam que a caracterização resultante manifesta ser marcadamente polarizada (cf. figura 3). Não obstante, a perspectiva positiva prevalece em termos numéricos nas edições da revista.

Figura 3: Atribuições que compõem as Representações Sociais do agronegócio na revista *Veja*



Nota-se que a Representação Social de “agronegócios” nas reportagens é expressa desvinculando dois importantes agentes do agronegócio brasileiro, sendo eles as produções patronal e familiar. Isso se dá direta ou indiretamente, tendo em vista que se atribuem os feitos positivos apenas à agricultura em escala e, no outro extremo, desconsideram nos fatores negativos os impactos da produção familiar. Há, portanto, um reforçamento a uma separação ideológica (patronal x familiar), do ponto de vista destes autores. Separação esta, presente nos discursos dos que defendem os agronegócios e dos que “atacam” os agronegócios.

De uma maneira global, a representação do agronegócio brasileiro, no veículo estudado, perpetua uma visão limitada à produção dentro da porteira. Quando analisado à luz dos estudos acadêmicos e de dados oficiais, fica evidente que a referida representação dista da visão sistêmica e de cadeia comportadas pelo agronegócio.

Apesar de ser uma visão relativamente nova, o agronegócio, em sua base teórica, demonstra uma visão sistêmica que reúne uma complexa conjunção de agentes, subsistemas e cadeias, da qual a produção rural é apenas um componente. Todavia a pesquisa realizada permitiu constatar

que a visão propagada ainda limita o agronegócio à produção rural, ou mais propriamente relacionado ao contexto negocial pós-porteira. Essa perspectiva é ainda mais reforçada ao passo que a evolução produtiva no campo (e mercantilizada) cresce. Mesmo diante de inúmeras atividades entrelaçadas nesse complexo arranjo, elementos como recordes de safras e índices de produção permanecem como determinantes para caracterizar o agronegócio.

É de se supor, a partir do estudo, que as evoluções tecnológicas e de gestão, nas etapas subsequentes à produção rural, são, por vezes, atribuídas a feitos da indústria. Em tal conjuntura, a indústria é uma “cliente” do agronegócio, mas não se percebe como sendo também parte do próprio agronegócio. Em contraponto, agentes envolvidos antes e dentro da porteira se percebem e figuram como atores determinantes do setor.

De forma geral, a percepção dos agentes frente aos setores que eles representam acaba refletindo na construção da Representação Social sobre o agronegócio em diversos outros níveis, a exemplo da mídia. Os valores, percepções e culturas desses agentes intercambiam e vinculam-se aos de seu grupo social com o qual se identificam (seus setores) e, por fim, atribuem sentido às coisas e moldam as estruturas encontradas na sociedade. A RS encontrada na Revista investigada corrobora com a ideia de um agronegócio produtivista, de escala, do campo e patronal. Tal representação, por sua vez, contribui amplamente para a formação do imaginário social a respeito do tema e, por consequência, para o desenvolvimento de juízos de valor no tocante ao assunto, se se considera o alto grau de influência da mídia na formação de opinião pública, mesmo dos públicos mais esclarecidos e dotados de capacidade de análise mais consistente.

Ressalta-se que, enquanto construção social e de inteligibilidade, as Representações Sociais não estão separadas das condutas dos indivíduos, modelando e justificando os seus comportamentos (ALEXANDRE, 2004). Portanto essa compreensão se torna essencial para dar conta das contradições que o termo carrega bem como para a compreensão das condutas dos indivíduos/agentes integrantes dos diferentes grupos sociais.

Pode-se inferir ainda sob outro aspecto – o de que a dicotomia construída na RS do agronegócio está mais implicada ao que cada uma das suas manifestações pode exprimir do que elas realmente são. Melhor dizendo, a representação do agronegócio produtor de *commodities* torna-se a representação do capitalismo, como essência, enquanto que o modelo movido pela produção familiar representa o anticapitalismo. Nesse campo de antíteses, a mídia e os movimentos representativos dessas duas dimensões políticas conformam no agronegócio suas bandeiras ideológicas.

Considerações finais

Em tempo, é importante destacar que o estudo identifica uma oportunidade de aprofundamento para os estudos envolvendo o agronegócio. Durante o levantamento, foi identificada a ausência de conteúdo acadêmico abordando, conjuntamente, a Teoria da Representação Social e “agronegócios”. Todavia vale ressaltar que a relação entre mídia e representação já é objeto de outras análises em outros campos de estudo. Nota-se, portanto, um espaço para investigações incluindo outros veículos e modalidades de comunicação.

Quanto aos limitantes do estudo, destaca-se a dificuldade no acesso às edições impressas das revistas no período proposto para

pesquisa. Diante disso, as matérias, encontradas apenas em ambiente virtual, dificultaram o processo em função da suspensão temporária do conteúdo e mudança na plataforma de apresentação dos editoriais. Por esse motivo, a pesquisa que inicialmente se propunha a analisar duas grandes revistas de circulação nacional limitou-se a apenas uma.

De forma geral, verificam-se potencialidades para a ampliação de estudos, incluindo a realização de pesquisas empíricas sobre a temática, quiçá, envolvendo a investigação das representações de diferentes indivíduos ligados ao setor. Espera-se com esse estudo ter contribuído no sentido de despertar o interesse de pesquisadores no aprofundamento do tema.

Referências

ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum*, Rio de Janeiro, v.10, n. 23, p. 122-138, jul./dez. 2004.

ARAÚJO, M.J. *Fundamentos de agronegócios*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificações, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, M. O. (Coord.). *Gestão agroindustrial*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007. v.1, p. 1-62.

BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificações, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, M. O. (Coord.). *Gestão agroindustrial*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BRASIL. Lei n.º 11326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 jul. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11326.htm>. Acesso em: 17 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Brasil projeções do agronegócio 2011/2012 a 2021/2022*. Brasília: MAPA, 2011. Resumo Executivo. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/Projecoes%20do%20Agronegocio%20Brasil%202011-20012%20a%202021-2022%20-%20Sintese\(2\).pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/Projecoes%20do%20Agronegocio%20Brasil%202011-20012%20a%202021-2022%20-%20Sintese(2).pdf)>. Acesso em: 6 ago. 2015.

BRISOLA, M. V. Trajetória institucional comparada: instrumento de análise em estudos sobre sistemas agroindustriais e territórios produtivos rurais. In: GUARNIERI, P.; GUIMARÃES, M. C.; THOMÉ, K. M. (org.). *Agronegócios: perspectivas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020. p. 47 - 76.

BRISOLA, M. V.; BOTELHO FILHO, F. B. A dimensão do embeddedness na indústria do vinho: um estudo comparado entre Brasil e Chile. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 4, p. 89-104, 2010.

CAUME, D. J. Agricultura familiar e agronegócio: falsas antinomias. *Redes*, v.14, n.1, p. 26-44, 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/846/1452>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

CEPEA. *Perspectivas para o agronegócio em 2015*. Piracicaba: CEPEA/USP, 2014. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea_Perspectivas%20Agroneg2015_relatorio.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2015.

CEPEA. *PIB do agronegócio – Dados de 1995 a 2015*. Piracicaba: CEPEA/ USP, 2015. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea_Perspectivas%20Agroneg2015_relatorio.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2015.

DALTRO, A. L. A Salvação da lavoura. *Revista Veja*, São Paulo, ano 48, n. 2419, p. 62-63, 01 abr. 2015.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. *A concept of agribusiness*. Boston: Harvard University, 1957.

FAO. *Perspectivas agrícolas 2015–2024*. Disponível em: <<https://www.fao.org.br/download/PA20142015CB.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Brasília: Liber Livros, 2012. (Série pesquisa, v.6).

FURLAN, F. Burocracia nos portos é obstáculo sério às exportações. *Revista Exame*, São Paulo, 26 maio 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1090/noticias/burocracia-nos-portos-e-obstaculo-serio-as-exportacoes>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

GRAZIANO DA SILVA, J.; DEL GROSSI, M. E. *O novo rural brasileiro*. 2000. Disponível em: <http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/novo_rural_br.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2015.

HJARVARD, S. Miatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

IBGE. *Censo agropecuário 2006*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

KROEHN, M. O custo Brasil ataca o campo. *Revista Exame*, São Paulo, 20 out. 2011. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1002/noticias/a-praga-ataca-o-campo>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

LANE, S. T. M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 32-39.

LAVEJOY, T. Como a Amazônia foi salva. *Revista Veja*, São Paulo, ano 48, n. 2448, p. 80-95, 21 out. 2015.

MEDEIROS, J. X. de; BRISOLA, M. V. Enfoques teóricos utilizados para o estudo do sistema agroindustrial da ovinocaprinocultura. In: MEDEIROS, J. X. de; BRISOLA, M. V (Org.). *Gestão e organização no agronegócio da ovinocaprinocultura*. Contagem: Santa Clara, 2009. p. 11-20.

MENDES, J. T. G.; PADILHA JÚNIOR, J. B. *Agronegócio: uma abordagem econômica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MIELE, M.; WAQUIL, P. D.; SCHULTZ, G. *Mercados e comercialização de produtos agroindustriais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

MONTORO, T., Sangue na tela: a representação da violência nos noticiários de televisão do Brasil. In: MOTTA, L. G (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. parte 4, p. 301-326.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, v. 18, n. 3, p. 211-250, 1988.

MOSCOVICI, S. *Psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASSAR, A. et al. *Segurança alimentar e sustentabilidade no agronegócio: o agro brasileiro em 2030*. Rio de Janeiro: FIESP/ICONE, 2012. (12 slides). Disponível em: <http://www.iconebrasil.com.br/datafiles/publicacoes/apresentacoes/2012/o_agro_brasileiro_em_2030_1906.pdf>. Acesso em 18 ago. 2015.

NAVARRO, Z. A agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica. In: GASQUES, J. G.; VIEIRA FILHO, J. E. R.; NAVARRO, Z. (Org.). *A agricultura brasileira: desempenhos, desafios e perspectivas*. Brasília, DF: IPEA, 2010. cap. 7, p. 185-209.

NOVAES, A. L. *et al.* Análise dos fatores críticos de sucesso do agronegócio brasileiro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO RURAL, 48., 2010, Campo Grande. *Anais...* Brasília: SOBER, 2010. p. 1-20. Disponível em: <www.sober.org.br/palestra/15/839.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

PATRIOTA, L. M. Teoria das representações sociais: contribuições para a apreensão da realidade. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 10, n. 1, jul./dez., 2007.

PRATES, M. Os números que mostram o poder do agronegócio brasileiro. *Revista Exame*, São Paulo, 3 jun. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/os-numeros-que-mostram-o-poder-do-agronegocio-brasileiro>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. *Psicologia social*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SÁ, C. P. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 14, p.94-103, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/LUDMIL~1/AppData/Local/Temp/celso_pt.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2016.

SAMMUT, G.; HOWARTH, C. Social representations. In: THOMAS, T. (ed.). *Encyclopedia of Critical Psychology*. New York: Springer, 2014. p. 1799-1802.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 8, n. 13, 2000.

SILVA, M. O. da. *A apresentação do mundo pela linguagem do jornalismo*. 2004. 264 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

THOMAS, J. A. Eles vão morrer logo mais. *Revista Veja*, São Paulo, ano 48, n. 2407, p. 68-73, 2015.

ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Org.). *Economia e gestão dos negócios agroalimentares: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição*. São Paulo: Pioneira, 2000, cap. 1, p. 1-21.

ZYLBERSZTAJN, D. *Estruturas de governança e coordenação do agribusiness: uma aplicação da nova economia das instituições*. 1995. 239 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.